

VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITORIO

RUA DO OUVIDOR

32 - sobrado - 32

CORTE

Trimestre
Semestre
Anno

58000
105000
208000

PROVINCIAIS

Semestre	118000
Anno	218000
Avulso	15000



— Tendo lido nos jornaes sua preciosa receita contra a febre amarella, venho como membro da Comissao de soccorros convidar para se applicar a em Buenos-Ayres as victimas que...

— Nada!... De perto não se recebe tão bom. A homoeopathia para ser efficaz deve ser dada de longe!... A minha philanthropia não consiste em arriscar a pelle, tu e o meu chará das bombas o que queremos é andar sempre em lèva redonda.

A VIDA FLUMINENSE

RIO, 22 DE ABRIL DE 1871.

O Sr. Dr. chefe de policia, segundo me asseveraram, multou em centz e vinte mil réis o Sr. Carlos Berry (reductor, gerente e quasi unico leitor do *Courrier de Rio de Janeiro*) por ter editado vinte e dous desses immundos papeluchos, intitulados *Judas*.

Fez muito bem o Sr. Dr. chefe de policia!

Fez muito bem, porque em tal Achilles o unico tendido vulneravel é a algibeira.

Da-lhe sempre ahi, e verá como o sujeito afinal arripinará carreira.

O *Diario de Noticias* costuma trazer na cuniceira de sua primeira columna alguns apontamentos biographicos de varões e damas, que se santificaram distribuindo seus haveres aos necessitados, maltratando seus corpos com sevicias e dormindo sobre a terra e servindo-se de uma pedra por travassoiro (textual) como fez a Virgem Santa Ignaz de Monte Pulcinho (vide o mencionado *Diario* de ante-hontem).

Bem. Fica, portanto, resolvido que os gossos da terra são pessimas recommendações para a entrada no Céu.

Para alcançar a bemaventurança é mister soffrer privações, repartir com os pobres o pouco que se possue, jejuar amindadas vezes e castigar a carne com flagellações constantes.

Mas... sendo assim, o Santíssimo Papa, em vez de ter entrada no Céu, hade ir um dia direitinho para o inferno.

Hade, sim, senhor *Diario de Noticias*, e por muitas razões, por exemplo:

1° Porque mora em sumptuoso palacio, onde dorme em leito dourado e sobre colchões de fina seda;

2° Porque, em vez de jejuar, vive em perenne banquete, onde (ao dizer do *Jornal do Commercio*) se fazem copiosas libações;

3° Porque em vez de flagellar-se, trata da sua pessoa com extremoso carinho materno;

4° Porque, em vez de repartir com suas magras orelhas o muito que já possue, só cuida em estender mão pedinte por todo o orbe catholico.

Que diz desta logica, o sympathico *Apostolo*?

Dava um dôce para vêr a careta que o redactor da sanctificada folha hade fazer quando souber que eu, por graça, fuisse que Pio IX baixará um dia no inferno!

Se eu fosse alguma groupa, o sanctificado redactor, em um assomo de raiva, era capaz de comer-me inteirinho ao almoço.... em qualquer dia de jejum!

Já que fallei do *Diario de Noticias* deixei-me dizer mais duas palavrinhas a seu respeito.

Tive occasiao de declarar, quando elle começou a vêr a luz da publicidade, que esta folha era unica no

seu genero, que apanhava pelos cabellos todos os bantos verdadeiros e falsos que chegavam aos seus ouvidos, e na mesma ordem chronologica em que delles ia tomando conhecimento, os usava em suas columnas, sem methodo, sem discriminação de especies, e com as varias orthographias de seus varios informantes.

Por isso semelhava-se ella a uma indigesta *olla podrida*, a um caixão de ferros velhos, a uma colza de retalhos, a um balde cheio de restos de hotel, misto horrivel e indescriptivel.

Sob o título ilha do Funchal transcrevia ella uma proclamação de Napoleão III!

Tratando dos episodios da guerra franco-allema, que então estava em principio, dava ella conta da colheita dos vinhos na Madeira!

Referindo-se ao Instituto Historico assegurava um dia que, por achar-se enfermo o Sr. Dr. Macedo, seria o elogio dos mortos proferido pelo Sr. Joaquim Norberto; e no mesmo dia, algumas linhas apenas adiante, affirmava que o Sr. Escarnolle Taunay se achava encarregado dessa tarefa!

Era um *imbroglio* unico, unico, unico!

Posteriormente foram as cousas melhoradas; uniformisou-se o estilo, coordenaram-se as idéas, discriminaram-se as noticias e o *Diario* das ditas começou a prosperar, até ter forças para augmentar de formato.

De repente...

Ora vejam, por exemplo o numero de 20 do corrente, que, sob a epigrapha *Jury da corte*, diz isto:

"Hoje é o ultimo dia em que se vende na rua Sete de Setembro n. 52 B; por causa de se irem fazer obras, as pessoas que precisarem de fazendas, miudezas ou perfumarias devem aproveitar a occasiao."

(Copiado fielmente da 2ª columna da 2ª pagina).

Que ponto e virgula depois de 52 B! Que redacção! E que referencia ao *Jury da corte*!

Os afamados irmãos Lees seriam incapazes de dar salto tão grande.

E no alto da primeira coluz na da 3ª pagina!!

Apriem:

"NOVAS PUBLICAÇÕES, biographia da actriz Emilia Adelaide Pimentel, por....."

Nem tenho animo de proseguir na transcrição. Leiam e vejam que cacophonia de arrancar couro e cabelo! O proprio Sr. Ramalho Ortigão, autor da dita biographia, hade ficar pasmo.

Pudéra!

Não se agaste comigo o redactor do *Diario de Noticias*. Se sua folha não tivesse entrado na trilha das que se podem lêr, não faria eu estes reparos.

Agusta-se ainda?

Que males incalculaveis causou o perverso Bismark à misera Franca!

Incendiou seus aldeas, talou seus campos, bombardeou seus monumentos, decapou seus bosques seculares, desmembrou seu territorio, trucidou sua

população, e empobrecem seus thesouros com imposições descommunes.

E como se tudo isto não bastasse....

E como se tudo isto já não fosse demais.—ainda veio reduzir os alquebrados *franceses* á precária posição de *estrangeiros* na própria França!

Só duvidam, vejam o que diz o supplemento que o *Jornal do Commercio* distribuiu na quinta-feira desta semana.

Ahi vae, copiado da 4.^a pagina, 2.^a columna:

"A *Internacional* é o terror de toda a gente, por se dizer que espalha os seus agentes e emissarios par toda a parte, e deste sentimento resulta 'que *qualquer estrangeiro* que apparece é olhado com receio e desconfiança, principalmente sendo *hespanhol* ou *francez*! (!!!)

Era só o que faltava!

Consumou-se a desgraça da França.

Interrompo aqui a chronica para enclugar uma lagrima!

..

Já ouviram os excellentes musicos italianos tocar com acompanhamento de repiques de sino?

Não sabem o que perdem.

Faz pensar na musica dos anjos!

O inventor da idéa ou inventor da nova combinação de sons, como melhor couvier, foi o irmão encarregado da festa de Nossa Senhora das Dores, celebrada na igreja de S. João do Nietherohy, em 16 do corrente, o qual, consta, vai pedir no governo—*brevet de repinication*, no que faz muito bem.

A irmandade, apenas teve conhecimento de tão luminosa idéa, reunio-se o delibieron, *nemine discrepante*, que se inseravesso o nome do inventor combinando no rol dos benemeritos, o que se reservassem algumas dezenas de mil réis para contractar uma boa banda de musica e uma boa banda de sineiros, com a precisa antecendencia, já se sabe, para poderem ensinar.

Os musicos que tiveram a honra de iniciar a idéa em publico foram os italianos: os sineiros foram o Venta Larga, o Pé Torto e outros seis escolhidos a dedo, cujos nomes sinto agnoar.

Os italianos tomavam assento em um *vislao* coreto e os sineiros nas competentes torres.

O povo, em compacta massa, esperava ansioso.

A's 7 horas da noite quebraram as duns orchestras com seus mavicos sons o monotonio silencio da noite!... Fin! Plin! Vlan! Dlin! din! Dlin! din! Fon! Tritititit! Quaquari! Pun! Dlin! deflin! dim! din! Tchín!...

Era um cêo aberto!

As pulcetas, as embocaduras e os badulos fizeram prodigios!

Os instrumentos de sôpro d'os italianos e os instrumentos de corda dos sineiros casavam seus sons com uma harmonia incrível!

Parabens ao festeiro!

Notei apenas um defeito, o qual, sem duvida, será de futuro removido: o numero dos repicadores era um pouco inferior no dos italianos, pelo que *uma vez ou outra* (bem poucas, é força confessal-o) se parecia perceber que os instrumentos de sôpro executavam uns trechos do *Guarany*.

Foi pena.

..

Um distincto litterato affirmo que o monte de cisco em que a gallinha ou capão (de que falla Esopo) achou a perola, é o que existe em Nietherohy, nos cruzamentos das ruas do El-Rei e do S. Francisco.

Não me metto a discutir com gente muito sabida. A edilidade do respectivo municipio que decida a questão.

Direi apenas, aqui e muito em segredo, que, pelo tempo em que lá está o tal cisco, pôde bem ser que o litterato tenha razão.

..

Ante-hontem representou-se pela primeira vez (depois da ultima) no Phenix Dramatica a novissima comedia drama *As Mulheres de Marmore*, encarregando-se dos principaes papeis a Sra. Ismenia e o Sr. Amodeo.

Quando desceu o panno no fim do quinto acto, o publico entusiasmado com o desempenho geral da peça, querendo dar uma prova inequivoca de seu apreço aos actores e actrices que mais se haviam distinguido, chamou calorosamente á scena o Sr. Amodeo.... mais ni guem:

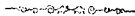
..

Representa-se com successo no Alcazar a comedia *L'influence du Japon*, do nosso amigo e collega A. de A.

Não sou eu que o digo: são as folhas diarias, cujos juizos a este respeito devem parecer menos suspeitos do que o meu.

Não faço mais do que constituir-me echo dellas.

A. de C.



Assumppto de varias côres

O futuro do chronista theatral.—Ernesto Rossi.—A companhia litterica.—Eulalia Adelaide provando que a flor é genero de primeira necessidade.—O freite el na do-S. Luiz.—O *Vulcanizacão* e a *Influence* do Japon.—O que digo acerca da primeira, e o que diz a opinião geral sobre o desempenho da segunda.—O panorama da cidade do Porto.—O actual successo da Phenix, e o beneficio do Vaqueros.—O Edo musical e a Estolidade.—O Club Mozart.—Exequias da Princeza a Sra. D. Leopoldina.

O futuro do chronista theatral apresenta-se risoubo. Por um lado, Rossi, o celebre tragico italiano, que a imprensa europæa proclama *unico*, bate-nos á porta, seguido por numerosa pleiade de artistas dramaticos; por outro a companhia de canto, que o nosso publico tão ansiosamente espera, annuncia *urbi et orbi* que até quinze do proximo mez inaugurará a desejada serie de espectaculos lyricos.

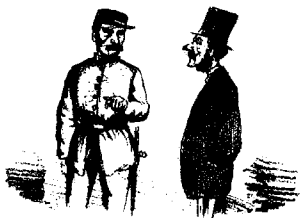
Ora isto, reunido ao que já por cá temos, fornece



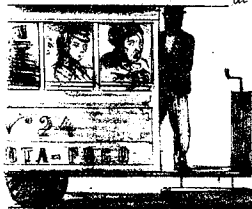
A entrada. 22 lugares para
30 pessoas



Desejamos que o Sr. Chefe de Policia nos
diga como se encaixão onze casais d'estes na
bond.



— O Sr. lora urbanidade de dizer-me porque deu a Policia
uma tal ordem?
Uré— Dizem que foi a pedido do empresario das diligencias que é compadre
de um amigo intimo do Chefe.



Os d'ora
carregados
tarde a
familia

- Os d'ora não vem que minha familia está me chamando??
- Não queremos saber d'isso, não há mais lugar dentro
- Mas então mande
- Nada de reflexões cáte se ou vai preso

DEM NA PLATAFÔRMA DOS BONDS



Diagnostico: c o bond seguito

Distinta... e o bond seguido



(da gazetilha de Jornal do Com.
de 20 de Junho 16 de Abril.)

materia para artigos tão estritados que daqui a algumas semanas o chronista não terá mãos a medir.

Enquanto, porém, Rossi não nos pateutêa os inextinguíveis recursos do seu talento, e a companhia lyrica não enche e enorme bojo do theatro da *Guarda Velha* com as harmonias imponentes da sua esplendida orchestra, é justo que não esqueçamos os theatros da mais muto estabelecidos, a quem o publico deve horas agradaveis, e que, nestes ultimos tempos, sobretudo, tem deitado a livreria abaixo para satisfazer-lhe as exigencias.

**

Vejam os o que vai pelo *S. Luiz*.

A julgar pelas successivas enchentes, e pelo que acerca de Emilia Adelaide dizem as folhas de todas as côres, feitos e tamanhos, o *trente et un* daquelle theatro começa agora.

Efectivamente os bilhetes de ingresso só podem obter-se por empenho, ou pelo duplo da cotação marcada; os applausos rebelem a menor gesto da festajada actriz; as flores, em rebeito a ella, podem ser contadas entre os generos de primeira necessidade, e já se falla por ahi em côrões de ouro com tanta facilidade, que os joalheiros esfregam as mãos de contentes e a junta dos corretores duvida de suas proprias cotações.

Se isto não é o *brante et un* de um theatro, não sei, nesse caso, o que seja.

**

No theatro francez representam-se na noite de 17 o *Violonneux de Offenbach* e a comedia *L'influence du Japon*.

A primeira destas peças foi cantada por Mlle. Delmary com a graça e maneria que todos lhe reconhecem. Roger (o beneficiado daquelle noite) spezara das poucas primaveras que conta, interpretou a parte do velho *Violonneux* de sorte a attrahir sobre si o applauso sincero e clamoroso dos seus convidados. Dupont agradou geralmente, embora alguns *habitués* prefiram cutil-o nas peças de concerto, onde o canto ligado offerece mais vasto campo ao desenvolvimento do seu sympathico orgão.

Em relação a *Influencia das saias*, comedia destinada a provar que por fim de contas os ministros tambem são... de carne e osso, só me é licito fallar do modo por que ella foi representada, e mesmo sobre esse ponto procurarei encostar-me á opinião geral, para não ser taxado de suspeito.

Conceda esta a Mlle. Delmary os louvores a que tem direito a actriz intelligente e estudiosa.

Efectivamente o typo daquelle condessa, que fura o utrôra a lavadeira mais cortejada deste mundo, é reproduzido com finissima habilidade. A sã com o ministro, ou com o commendador a condessa procura lançar a lavadeira nos abyssos do esquecimento; nas scenas, em que, livre de qualquer delles, a amante do ministro dirige a palavra á sua amiga Francisca ou ao seu ex-namorado Gustavo, a lavadeira esquece-se completamente do titulo que lhe enfeita o nome. No modo de dizer ha inflexões, que

dao á phrase a intenção exigida pelo dialogo. Estado nesse caso as palavras dirigidas, pela condessa a Gustavo no momento em que este recusa abraçal-a, ditas por Mlle. Delmary com a perfeição de que só é capaz quem, como ella, estuda conscienciosamente o seu trabalho artistico, antes de submettel-o ás provas publicas.

Rose Mignon, é a *soubrette* viva e folgazona, que não desmente na *Influence du Japon* as disposições manifestadas na "*Barbe*" do *Canard a trois becs*, e na "*Regina*" da *Princesse de Trebizonie*.

Na scena em que, após estrado dialogo, abenço comicamente a união da costureira com o *factotum* da condessa, o publico reconhece o valor de seus esforços e applaude-a vivamente.

Rozier faz de Gustavo uma das suas mais felizes creações. Provocando a hilariedade sem recorrer uma só vez a esagerações disparatadas, não ha scena, dito, ou situação de que elle não procure tirar o melhor partido.

O publico, que reconhece hoje nelle um dos artistas mais talentosos que tem pisado a scena do theatro francez, prodigalisa-lhe merecidos applausos sobretudo na scena em que o pobre tambor, sorprendido pelo ministro, lança mão de varios subterfugios para explicar a sua presenca em casa da condessa.

Dubois na interpretação do caracter daquelle velho gaiteiro, procura cada vez mais pôr em relevo as optimas qualidades do seu variado talento.

Derval, artisticamente caracterizado e conservando de principio a fim a dignidade propria do typo que representa, contribue tanto quanto lhe é possível para o exito das scenas em que toma parte.

Embora pequeno o papel distribuido a Roger é habilmente representado, e Mlle. Lilia, no pouco que tem a dizer, procura agradar.

Eis o que diz a opinião geral tratando da exhibição da *Influencia das saias*.

**

No Gymnasio continúa o panorama da cidade do Porto a mostrar no rafto do Valle que *l'or n'est pas une chimère*.

**

Na Phoenix representa-se *As mulheres de marmore*, actual successo daquelle theatro; e annuncia-se o beneficio do Vasques para 27 do corrente. Além de uma tagarellice de Eduardo Garrido, cujo titulo — Silencio callado — abona por si o finissimo espirito do autor, deve exhibir-se naquelle noite o *Typo Brasileiro*, nova comedia de França Junior, escriptor fecundo que conta os admiradores pelos cabellos da cabeça.

A noite promete. Pelo menos é de esperar que as ovações andem a *tres por dois*. O beneficiado e os autores merecem-n'o.

**

Sob o titulo do *Eden Musical* publica actualmente o Sr. Canongia uma colleção de trechos populares para piano. O n. 19, que tenho á vista, traz a *Esfo-*

lhada, grande polka sobre motivos portuguezes, escripta pelo Sr. Canongia, e offerecida ao distincto artista J. A. do Valle.

O club Mozart deu hontem o concerto annuciado. Hoje devem ter legar as exequias da princeza D. Leopoldina feitas pela colonia italiana residente no Rio de Janeiro.

A. DE A.

Ernesto Rossi.

ESBOÇO BIOGRAPHICO.

(Continuação.)

Ao nome de Shakspeare, que, graças a Ernesto Rossi, andava então nos lábios de todos os italianos, juntou mais tarde o nosso heroe os de Schiller, Corneille, Alfieri, Goldoni, Victor Hugo e Byron.

Digamolo o seu espirito de bisonja: as obras monumentaes desses semi-deuses da litteratura transcendental foram interpretadas por tal forma, que a critica imparcial e sizaada conferio ao actor honras iguais ás que sempre conferia a qualquer dos inspirados poetas.

Chegara Rossi ao apogeo da sua gloria de artista. Ir além era impossivel.

Se exceptuarmos Modena, seu mestre, e Salvini, seu rival, em Italia ninguém subia tão alto na consideração desse juiz supremo a que chamam publico. As orações da Italia, porém, não bastavam ao nosso artista.

Percorrer o mundo, obter o suffragio das principaes cidades da Europa, tornar conhecido em toda a parte o crescente progresso da arte dramatica na Italia.—eis a maior ambição de Ernesto Rossi: a idea que sem cessar lhe occupava a mente.

Bem depressa a idea foi levada á pratica, e o nosso heroe, seguido por selecta e numerosa companhia de actores intelligentes, dirigio-se a Hespanha e Portugal, onde contou os triumphos pelas noites em que representou perante o publico de qualquer desses nações.

O admiravel talento de Rossi, cultivado por meio de um estudo serio e consciencioso, não sabe o que seja especialidade na arte. A tragedia, o drama, ou a comedia encontram sempre nelle um interprete fidelissimo.

O furor de Oreste, o amor de Paolo, os crimes de Otello, o desespero de Lear, a voluptuosidade de Sardanapalo, o odio de Shink, os infortunios de Romeo, as lutas moraes de Leicester, a indole selvagem de Segismundo, as crinencias de Fulgenzio, e outros muitos caracteres de paixões desencontradas, são reproduzidos por Ernesto Rossi com tal verdade que, ao vê-lo representar, difficilmente se acredita que um só homem possa prorromper em tão variadas manifestações da arte.

(Imitação do italiano).

(Continua.)

A. DE A.

FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

O BUSTO

ROMANCETE POR EDMOND ABOUT.

CAPITULO IV.

(Continuação da 1.ª)

O Sr. de Marsal, pulido como um cadaver, entregou as armas ao Sr. Larambert. Daniel examinou-as uma por uma com muito cuidado.

— Canos espessos, aço secco.... não são de todo más. Quem as carregou? — O armeiro do Sr. de Marsal. — Transmitem pólvora e balas? — Sim, senhor. Deseja que as tirem as a carregarem sua presença?

— É justil. Dizendo isto, Daniel deu com uma das armas um tiro para o ar e proseguiu:

— Estão bem carregadas. Tinha a bondade de pôr espelleta nova.

As duas pistolas foram envolvidas com um lenço de seda: o Sr. de Marsal pegou em uma, o artista na outra.

O mestre, que tinha pernas muito compridas, trocou cinco passos encurtados.

As quatro testemunhas afastaram-se soltando, e o Sr. Larambert disse com voz soffocada:

— Mens senhores, vão lutar as tres pancadas de rigor....

Um...! duas...! tres...! Daniel mirou logo depois que o Sr. Larambert batou pela terceira vez com uma mão na outra. Ouvia-se apenas o estalido da espelleta. Sua pistola não estava carregada.

O Sr. de Marsal, mais pulido do que nunca, ficou sem saber o poito do escriptor. Suas pernas treminam, seus olhos nadavam em incerteza e no medo; todo seu corpo vacillava como um canhão sacudido pelo vento.

Nos emergencias como esta, custa muito esperar; os segundos parecem annos, os minutos seculos.

Daniel, com o corpo imóvel como uma rocha, o poito abrigado pelo braço direito, a cabeça incliada occulta pela pistola, pediu afinal a paciência e exclamou sem desocubri-lo:

— Atiro! De Marsal hesitou ainda. As quatro testemunhas repetiram machinalmente:

— Atiro! E repetiram essa palavra tremendo, porque todas as desgraças possiveis pareciam-lhes preferiveis á angustia que os soffocava.

Com voz muito commovida respondeu o capitão de Marsal sem abaixar a arma:

— Sr. Daniel, sua vida está em minhas mãos, mas.... estou prompto a perdoar a offensa.... a esquecer a injuria.... se o senhor pedir me perdão.

— Não pago. Atire!

Mas! o agouro seria commetter um assassinato. Ande! Procure desentpar-se....

— Quer por força convencer-nos a todos que não passa de um covarde?

— Senhor!... O tremor que lhe corre os membros bem o mostra. Desfiche o tiro! Sê-o ou não meio de provar-nos o contrario.

— Senhor!... Cuidado, meu capitão! Tremendo assim não acertará no alvo!

Este pequeno dialogo só serviu para augmentar a raiva de Daniel, por vêr sua vida entre as mãos do outro. N aquella momento supremo não se lembrou elle nem da morte, nem da sua vida, nem de sua mãe, que tanto estremeira. As quatro testemunhas, immobilizadas pela extrema commoção, não podiam dar um passo, nem articular um som.

Fazendo um grande efforço sobre si mesmo conseguiu o Sr. Larambert desprender os dois pés do chão, onde pareciam só enfiados presos por uma força invencivel, e adiantar-se para os dois adversarios sinuado.

— Isto não é toleravel! Daniel! Vão dar-lhe um pouco de coragem, arrependendo-lhe de novo as lutas ao rosto. Ha pessoas, tho baldes de animo, que só assim se estimulam.

(Continua.)



Symbolo da França

Et l'on dit que les loups ne se mangent pas entre eux!



O Deus Bomba
Manipanco do Reino do Togo.
e dos a traidos do Jornal